

APROVEITAMENTO ESCOLAR DE ALUNOS COM ESQUIZOFRENIA

Cláudia Hossri Carvalho

RESUMO

O ensino superior configura-se como um espaço cada vez mais diverso, exigindo das instituições e dos docentes práticas pedagógicas inclusivas que atendam às necessidades de estudantes com distintos perfis cognitivos e emocionais. Nesse contexto, alunos com diagnóstico de esquizofrenia enfrentam desafios específicos no processo de aprendizagem, decorrentes de alterações cognitivas que podem comprometer o aproveitamento escolar. Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar a docência no ensino superior sob a perspectiva da neuropsicologia, considerando o rendimento acadêmico de alunos com esquizofrenia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo revisão bibliográfica, realizada a partir da análise de produções científicas nacionais e internacionais sobre esquizofrenia, aprendizagem, docência universitária, estratégias pedagógicas e suporte acadêmico. Os resultados apontam que a atuação sensível e ética do professor universitário, associada a estratégias pedagógicas adaptadas, metodologias ativas, flexibilização avaliativa e acompanhamento interdisciplinar, contribui para a permanência acadêmica, redução da evasão e fortalecimento da autonomia desses estudantes. Conclui-se que a articulação entre neuropsicologia, docência e políticas institucionais inclusivas é fundamental para promover uma educação superior mais equitativa, humanizada e socialmente responsável.

Palavras-chave: Ensino superior; Docência universitária; Neuropsicologia; Esquizofrenia; Inclusão educacional.

ABSTRACT

Higher education has increasingly become a diverse setting, requiring institutions and faculty to implement inclusive pedagogical practices that meet the needs of students with different cognitive and emotional profiles. In this context, students diagnosed with schizophrenia face specific challenges in the learning process, stemming from cognitive alterations that may compromise their academic performance. This study aims to analyze teaching in higher education from a neuropsychological perspective, considering the academic achievement of students with schizophrenia. It is a qualitative study, designed as a literature review, conducted through the analysis of national and international scientific publications on schizophrenia,

learning, university teaching, pedagogical strategies, and academic support. The results indicate that the sensitive and ethical work of university professors, combined with adapted pedagogical strategies, active methodologies, flexible assessment practices, and interdisciplinary support, contributes to academic persistence, reduced dropout rates, and the strengthening of these students' autonomy. It is concluded that the articulation among neuropsychology, teaching, and inclusive institutional policies is essential to promote a more equitable, humanized, and socially responsible higher education.

Keywords: Higher education; University teaching; Neuropsychology; Schizophrenia; Educational inclusion.

1. INTRODUÇÃO

O ensino superior tem passado por transformações significativas nas últimas décadas, especialmente no que se refere à ampliação do acesso e à diversidade do público universitário. Cada vez mais, estudantes com diferentes perfis cognitivos, emocionais e sociais ingressam no espaço acadêmico, impondo novos desafios às instituições de ensino e à prática docente. Nesse cenário, a inclusão de alunos com transtornos mentais, como a esquizofrenia, requer reflexões aprofundadas acerca das condições de permanência, aprendizagem e desenvolvimento acadêmico no ensino superior.

A esquizofrenia é um transtorno mental grave e crônico, caracterizado por alterações cognitivas, emocionais e comportamentais que podem comprometer significativamente o processo de aprendizagem. Déficits em funções como atenção, memória, organização do pensamento e funções executivas interferem diretamente no rendimento escolar, tornando o percurso acadêmico desses estudantes mais desafiador. Assim, compreender a esquizofrenia sob uma perspectiva neuropsicológica torna-se fundamental para analisar de que modo essas alterações impactam o desempenho acadêmico e quais estratégias podem favorecer a aprendizagem no contexto universitário.

Diante desse quadro, o papel do docente universitário assume centralidade no processo de inclusão educacional. A docência no ensino superior demanda não somente domínio técnico e científico, mas também competências pedagógicas e humanas, como sensibilidade, empatia, comunicação e flexibilidade. Docentes preparados para compreender as especificidades dos estudantes com transtornos mentais contribuem de forma significativa para a criação de ambientes acadêmicos mais acolhedores, favorecendo a permanência e o sucesso desses alunos na trajetória universitária.

Nesse sentido, este estudo objetiva analisar a docência no ensino superior à luz da neuropsicologia, considerando o rendimento acadêmico de estudantes diagnosticados com esquizofrenia. Por meio de uma revisão bibliográfica, busca-se compreender as principais dificuldades vivenciadas por esses alunos, o papel do professor universitário, as estratégias pedagógicas e o suporte acadêmico necessários para promover inclusão, permanência e aprendizagem significativa no ensino superior. Dessa forma, o estudo visa contribuir para reflexões acerca de práticas docentes mais inclusivas e humanizadas, alinhadas às demandas contemporâneas da educação superior.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, do tipo revisão bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de produções científicas já publicadas sobre docência no ensino superior e a contribuição da neuropsicologia para o rendimento escolar de alunos diagnosticados com esquizofrenia. Essa abordagem metodológica permite a sistematização do conhecimento presente na literatura, favorecendo uma compreensão aprofundada do tema proposto, sem a coleta de dados empíricos.

A revisão bibliográfica foi conduzida mediante consulta a artigos científicos, livros, dissertações e documentos acadêmicos disponibilizados em bases de dados nacionais e internacionais, como SciELO, Google Acadêmico, PubMed e periódicos eletrônicos das áreas de Educação, Psicologia, Neuropsicologia e Saúde Mental. Foram priorizadas publicações recentes, especialmente dos últimos cinco anos, bem como estudos clássicos relevantes para a fundamentação teórica do tema.

Os critérios de inclusão abrangeram trabalhos que tratassem da esquizofrenia no contexto educacional, em particular no ensino superior, além de estudos que discutissem o papel do docente universitário, estratégias pedagógicas, suporte acadêmico, inclusão e permanência estudantil. Por outro lado, foram excluídos textos sem relação direta com a temática proposta ou sem embasamento científico consistente.

A análise dos materiais selecionados deu-se de maneira crítica e reflexiva, buscando estabelecer um diálogo entre os diferentes autores, em consonância com as diretrizes institucionais para elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso. Dessa forma, as informações foram organizadas e discutidas de forma lógica e articulada, possibilitando a construção de uma discussão teórica consistente sobre a docência no ensino superior sob a ótica da neuropsicologia e da inclusão educacional de estudantes com esquizofrenia.

3. DISCUSSÃO

3.1. ESQUIZOFRENIA SOB A PERSPECTIVA DA NEUROPSICOLOGIA

A esquizofrenia é um transtorno psiquiátrico grave e crônico que afeta o funcionamento mental do indivíduo, comprometendo processos cognitivos, emocionais e comportamentais. Conforme a literatura científica, trata-se de uma condição complexa, associada a alterações no sistema nervoso central e imunológico. Essas alterações interferem na percepção da realidade, no pensamento e no comportamento social, impactando diretamente a vida acadêmica e social do indivíduo. Assim, a esquizofrenia não deve ser compreendida apenas como um transtorno psicológico, mas como uma condição de base neurobiológica e sistêmica (Lotfi et al., 2023).

Do ponto de vista etiológico, a esquizofrenia é considerada uma doença multifatorial, ou seja, sem uma causa única definida. Estudos apontam que fatores genéticos desempenham papel relevante, especialmente os relacionados à regulação do sistema imunológico e à resposta inflamatória do organismo. Alterações em genes associados à produção de citocinas inflamatórias podem contribuir para o surgimento do transtorno, intensificando processos de neuroinflamação e prejuízos no funcionamento cerebral (Lotfi et al., 2023).

Além dos fatores genéticos, aspectos ambientais também influenciam o aparecimento da esquizofrenia, como estresse intenso, infecções durante o período gestacional, alimentação inadequada e alterações no sistema imunológico. Tais fatores podem impactar o desenvolvimento cerebral, em especial nas fases iniciais da vida. Assim, a esquizofrenia é resultado da interação entre fatores biológicos, ambientais e neuroquímicos, reforçando a necessidade de uma abordagem ampla e interdisciplinar acerca da doença (Güths & Sausen, 2024).

Segundo Güths e Sausen (2024), a esquizofrenia está fortemente associada a prejuízos no desempenho cognitivo, frequentemente presentes na maioria dos indivíduos diagnosticados. As principais alterações cognitivas envolvem déficits no processamento de informações, atenção, memória de trabalho, memória verbal e visual, além de dificuldades no raciocínio lógico e na resolução de problemas. Tais limitações afetam diretamente a capacidade de planejamento, tomada de decisão e adaptação social, interferindo de maneira significativa no desempenho acadêmico e funcional.

O estudo de Boff et al. (2020) indica que indivíduos com esquizofrenia apresentam déficits cognitivos que afetam diretamente o processo de aprendizagem, particularmente em tarefas que demandam habilidades matemáticas e funções cognitivas complexas. Os resultados demonstraram dificuldades em operações que envolvem raciocínio lógico, atenção sustentada e manipulação de informações numéricas, sugerindo que as disfunções cognitivas associadas

ao transtorno podem comprometer o desempenho educacional. Tais dificuldades estendem-se para além do contexto clínico, influenciando negativamente a capacidade desses indivíduos de acompanhar conteúdos escolares e acadêmicos sem apoios específicos e adaptações pedagógicas. O impacto da esquizofrenia na aprendizagem é, portanto, não apenas teórico, mas também prático, refletindo-se em tarefas cotidianas e no desenvolvimento de competências acadêmicas.

A abordagem neuropsicológica é essencial no contexto educacional, pois permite compreender como as funções cognitivas se relacionam com o processo de aprendizagem. De acordo com Gkintoni et al. (2024), a neuropsicologia possibilita identificar déficits cognitivos em áreas como atenção, memória e funções executivas, que são fundamentais ao desempenho acadêmico. No caso da esquizofrenia, tais comprometimentos costumam ser mais intensos, afetando a capacidade do estudante para organizar informações, manter o foco e compreender conteúdos. Assim, a leitura neuropsicológica contribui para uma compreensão mais aprofundada das dificuldades vivenciadas por esses alunos no ambiente educacional.

Além disso, a aplicação da leitura neuropsicológica no contexto educacional favorece o desenvolvimento de estratégias pedagógicas adequadas às necessidades dos estudantes com esquizofrenia. A avaliação neuropsicológica auxilia na identificação dos comprometimentos cognitivos específicos, permitindo intervenções mais direcionadas e eficazes. No processo de aprendizagem, isso implica adaptações metodológicas que respeitem o ritmo e as limitações cognitivas do aluno, promovendo inclusão e permanência no ensino. Dessa forma, a neuropsicologia configura-se como ferramenta essencial para compreender e minimizar os impactos da esquizofrenia sobre a aprendizagem, fortalecendo práticas educacionais mais inclusivas e humanizadas (Gkintoni et al., 2024).

3.2. O ENSINO SUPERIOR COMO ESPAÇO DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA ACADÊMICA

O ensino superior pode ser compreendido como espaço fundamental para a inclusão de estudantes com transtornos mentais graves, como a esquizofrenia, desde que ofereça suporte adequado a essas necessidades. Pesquisas evidenciam que a existência de serviços de apoio e acompanhamento individualizado favorece a participação acadêmica e reduz o risco de evasão desses estudantes. Nesse sentido, a universidade se afirma não apenas como local de transmissão de conhecimento, mas como agente ativo na promoção da inclusão educacional. A literatura demonstra que ambientes universitários estruturados e acolhedores corroboram para a permanência acadêmica de estudantes em sofrimento psíquico (Shor, 2025).

As políticas de inclusão no ensino superior são fundamentais para assegurar que estudantes com esquizofrenia não apenas ingressem, mas consigam permanecer e concluir sua formação acadêmica. Programas de apoio educacional, adaptações pedagógicas e serviços de saúde mental institucionalizados têm sido eficazes na mitigação das dificuldades vivenciadas por esses alunos. Os estudos analisados destacam que tais políticas favorecem o desenvolvimento acadêmico ao considerar as limitações cognitivas e emocionais relativas ao transtorno. A inclusão passa, assim, a ser compreendida como processo contínuo, sustentado por ações institucionais planejadas (Shor, 2025).

A universidade também representa um espaço social e formativo, onde o estudante constrói vínculos, identidade acadêmica e projetos de vida. Para alunos com esquizofrenia, a integração social com colegas e professores é fator relevante para o bem-estar psicológico e o engajamento acadêmico. A literatura indica que relações interpessoais positivas no ambiente universitário fortalecem o sentimento de pertencimento e diminuem o isolamento social. Assim, o papel formativo da universidade vai além da transmissão de conteúdos, abrangendo a promoção da saúde mental e da inclusão social (Barros & Peixoto, 2022).

Entretanto, estudantes com esquizofrenia ainda enfrentam diversas barreiras no ensino superior, sobretudo de cunho atitudinal, pedagógico e institucional. Entre os principais obstáculos figuram o estigma, a falta de preparo docente para lidar com transtornos mentais e a rigidez das práticas pedagógicas. Estudos revelam que tais barreiras dificultam a adaptação acadêmica e comprometem o desempenho e a permanência dos estudantes. Por essa razão, é necessário que as instituições reconheçam essas barreiras e desenvolvam estratégias para superá-las, promovendo ambiente mais inclusivo (Barros & Peixoto, 2022).

É importante diferenciar o acesso ao ensino superior da permanência acadêmica, especialmente no caso de estudantes com esquizofrenia. O ingresso na universidade não garante, isoladamente, condições adequadas para a continuidade dos estudos. A permanência depende de fatores como integração acadêmica, apoio institucional e suporte psicossocial. Os estudos revisados reforçam que a ausência desses elementos amplia o risco de evasão e sofrimento psíquico. Assim, o compromisso das universidades deve ir além do acesso, assegurando condições reais de permanência e sucesso acadêmico para esses estudantes (Shor, 2025; Barros & Peixoto, 2022).

3.3. O PAPEL DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DIANTE DO ALUNO COM ESQUIZOFRENIA

O docente universitário detém papel central no processo de inclusão de estudantes com esquizofrenia no ensino superior, por estar em contato direto com os alunos no cotidiano acadêmico. Pesquisas sinalizam que o professor é frequentemente o primeiro a perceber sinais de sofrimento psíquico e pode atuar como mediador entre o estudante e os serviços institucionais de apoio. Desse modo, a docência no ensino superior extrapola a transmissão de conteúdos, englobando também a atenção às necessidades emocionais e cognitivas dos estudantes, especialmente daqueles com transtornos mentais graves (Dionízio & Victer, 2025).

Quanto às competências pedagógicas e humanas, os artigos analisados evidenciam que o docente universitário precisa desenvolver habilidades que transcendem o domínio técnico do conhecimento. Capacidade de escuta, empatia, sensibilidade e compreensão das limitações impostas pela esquizofrenia são consideradas fundamentais para favorecer o processo de aprendizagem. Professores que reconhecem a diversidade de condições dos estudantes tendem a adotar práticas pedagógicas mais inclusivas, contribuindo para a permanência acadêmica desses alunos (Dionízio & Victer, 2025).

A sensibilidade docente diante do transtorno mental desponta como elemento essencial para o acolhimento do estudante com esquizofrenia. Os estudos apontam que, embora muitos docentes se mostrem dispostos a ajudar, relatam insegurança diante da ausência de formação específica em saúde mental. Ainda assim, atitudes de acolhimento, respeito e não estigmatização favorecem a construção de um ambiente acadêmico mais seguro, no qual o aluno se sente pertencente e motivado à permanência (Riba, 2024). Comunicação e flexibilidade pedagógica também são destacadas como práticas relevantes no trabalho com estudantes que apresentam esquizofrenia. A adaptação de prazos, métodos avaliativos e estratégias de ensino pode atenuar as dificuldades cognitivas e emocionais enfrentadas por esses alunos. Os artigos analisados ressaltam que flexibilidade não significa redução de rigor acadêmico, mas ajuste das práticas para garantir equidade no processo de aprendizagem, respeitando os limites e potencialidades do estudante (Riba, 2024).

3.4. ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E ADAPTAÇÕES DIDÁTICAS PARA FAVORECER O APROVEITAMENTO ESCOLAR

As estratégias pedagógicas e adaptações didáticas são fundamentais para favorecer o rendimento acadêmico de estudantes com esquizofrenia, considerando os prejuízos cognitivos, emocionais e funcionais implicados no transtorno. Os estudos analisados indicam que esses alunos apresentam dificuldades relacionadas à atenção, memória, organização do pensamento e motivação, exigindo práticas pedagógicas mais estruturadas e intencionais. Assim, as

adaptações no ensino devem ser compreendidas como condição necessária para garantir equidade no processo de aprendizagem, e não como privilégio (Pinheiro & Valente, 2024).

No tocante às metodologias ativas e à aprendizagem significativa, os artigos indicam que a participação ativa do estudante no processo de ensino favorece o engajamento e a compreensão dos conteúdos. Para alunos com esquizofrenia, a definição de metas claras, atividades contextualizadas e estímulos progressivos auxilia na redução da apatia e da avolição, sintomas frequentemente associados ao transtorno. Desse modo, metodologias que valorizam o protagonismo do estudante tendem a promover maior interesse e continuidade no processo formativo (Pinheiro & Valente, 2024).

A flexibilização de avaliações e prazos também se destaca como estratégia pedagógica essencial para potencializar o rendimento acadêmico de estudantes com esquizofrenia. Pesquisas demonstram que a rigidez avaliativa pode acentuar o sofrimento psíquico e prejudicar a aprendizagem desses alunos. Ampliação de prazos, diversificação nos instrumentos avaliativos e adequação nas formas de avaliação possibilitam que o estudante demonstre seus conhecimentos respeitando seus limites cognitivos e emocionais, sem comprometer os objetivos educacionais (Hokai & Silva, 2024).

O uso de recursos visuais, roteiros e a organização do conteúdo são apontados como estratégias eficazes para apoiar estudantes com esquizofrenia no processo de aprendizagem. Os artigos analisados evidenciam que esses alunos se beneficiam de conteúdos apresentados de maneira objetiva, clara e estruturada, com redução de estímulos excessivos. Recursos visuais, esquemas, roteiros de atividades e orientações passo a passo favorecem a compreensão das tarefas e a manutenção da atenção, contribuindo para o rendimento escolar (Hokai & Silva, 2024).

O acompanhamento pedagógico contínuo é outro aspecto central à inclusão educacional de estudantes com esquizofrenia. Os estudos indicam que o suporte psicopedagógico permite monitorar as dificuldades acadêmicas, orientar os docentes e adaptar as práticas pedagógicas de acordo com a evolução do aluno. Esse acompanhamento previne a evasão escolar e fortalece a permanência acadêmica, especialmente quando articulado a ações institucionais de apoio (Rosetto & Iacono, 2022).

3.5. IMPACTOS DO SUPORTE ACADÊMICO NO DESEMPENHO E NA TRAJETÓRIA UNIVERSITÁRIA

O suporte acadêmico institucional exerce influência direta sobre o desempenho acadêmico de estudantes universitários com transtornos mentais graves, como a esquizofrenia.

Programas estruturados de apoio, como acompanhamento pedagógico e suporte entre pares, contribuem para o desenvolvimento de habilidades acadêmicas e organizacionais, além de favorecer a adaptação às exigências do ensino superior. Pesquisas apontam que estudantes que recebem apoio sistemático apresentam maior engajamento, desempenho acadêmico aprimorado e persistência na trajetória, mesmo diante das limitações impostas pela condição de saúde mental (Davis et al., 2022)

Outro impacto relevante do suporte acadêmico refere-se à redução da evasão universitária. Alunos com esquizofrenia integram grupos com elevado risco de abandono do curso, em razão de dificuldades cognitivas, emocionais e sociais. A literatura assinala que intervenções institucionais, como programas de suporte acadêmico e serviços de saúde mental integrados ao campus, contribuem para a permanência desses estudantes, reduzindo as taxas de evasão e rupturas no percurso formativo (Cadge et al., 2019).

O fortalecimento da autonomia do aluno configura-se também como um dos principais efeitos positivos do suporte acadêmico. Estratégias que promovem o desenvolvimento da autogestão, planejamento e autorregulação favorecem a construção da autoconfiança e da autoeficácia acadêmica. Para estudantes com esquizofrenia, esse apoio contribui para o reconhecimento de suas capacidades, promovendo maior independência no enfrentamento das demandas acadêmicas e ampliando a participação ativa na vida universitária (Konadu et al., 2025).

O suporte acadêmico institucional apresenta-se como elemento decisivo no desenvolvimento da trajetória universitária de estudantes com transtornos mentais, como a esquizofrenia, especialmente em relação à permanência, ao desempenho acadêmico e ao fortalecimento da autonomia. Pesquisas apontam que alunos com condições de saúde mental demonstram maiores taxas de evasão e dificuldades acadêmicas quando não contam com apoio estruturado no ambiente universitário. Nesse sentido, programas de suporte acadêmico específicos, como o Peer Academic Supports for Success (PASS), evidenciam o impacto positivo de intervenções sistematizadas voltadas ao desenvolvimento de habilidades acadêmicas, organizacionais e socioemocionais. De acordo com Davis et al. (2022), há cada vez mais universitários com condições graves de saúde mental; contudo, esses estudantes apresentam altas taxas de evasão, e o acúmulo de dívidas é frequente. Diante disso, os autores destacam a necessidade de uma intervenção bem estruturada, que possa ser oferecida diretamente pelas instituições, para sustentar a permanência acadêmica desse público. Os resultados do estudo indicam que o PASS pode ser implementado com fidelidade por

treinadores pares, consegue atrair e reter estudantes e é seguro; além disso, o PASS apresentou efeitos significativos na maioria dos desfechos proximais que buscava influenciar (Davis et al., 2022).

Essa evidência reforça que o suporte acadêmico não somente contribui para o rendimento escolar, mas também atua como fator protetivo contra a evasão, promovendo maior engajamento, autoconfiança e continuidade dos estudos no ensino superior. Além dos benefícios individuais, o suporte acadêmico gera impactos positivos para o ambiente universitário em geral. A ampliação de ações inclusivas e o fortalecimento da cultura institucional de acolhimento contribuem para a diminuição do estigma associado à esquizofrenia e a outros transtornos mentais. Ambientes universitários pautados em informação, apoio e integração favorecem relações interpessoais mais saudáveis, ampliam a sensibilidade às diferenças e resultam em uma formação acadêmica mais humanizada, beneficiando toda a comunidade acadêmica (Konadu et al., 2025).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu compreender a esquizofrenia como um transtorno de natureza multifatorial, com impactos significativos nas funções cognitivas e, conseqüentemente, no processo de aprendizagem no ensino superior. A partir da perspectiva neuropsicológica, identificou-se que déficits em atenção, memória, funções executivas e organização do pensamento interferem diretamente no rendimento acadêmico de estudantes com esse diagnóstico. Nessa direção, reforça-se a importância de uma leitura neuropsicológica no contexto educacional, capaz de compreender as dificuldades enfrentadas por esses alunos de forma abrangente, científica e livre de estigmas.

Além disso, evidenciou-se que o ensino superior pode e deve configurar-se como espaço de inclusão e permanência acadêmica para estudantes com esquizofrenia, desde que disponha de políticas institucionais efetivas e suporte adequado. A presença de serviços de apoio, acompanhamento pedagógico, práticas inclusivas e integração social mostrou-se fundamental para reduzir a evasão e promover o engajamento acadêmico. Evidenciou-se que o acesso à universidade não basta: é imprescindível assegurar condições efetivas de permanência, respeitando as necessidades cognitivas, emocionais e sociais desses estudantes.

Por fim, enfatizou-se o papel central do professor universitário e das estratégias pedagógicas adaptadas como fatores essenciais para o aproveitamento escolar e a trajetória acadêmica de alunos com esquizofrenia. Competências pedagógicas e humanas, como empatia, sensibilidade, comunicação e flexibilidade, aliadas a metodologias ativas, adaptações

avaliativas e acompanhamento interdisciplinar, contribuem para o fortalecimento da autonomia do estudante e a construção de um ambiente universitário mais acolhedor. Conclui-se que a articulação entre neuropsicologia, docência e políticas institucionais inclusivas é essencial para promover uma educação superior mais equitativa, humanizada e socialmente responsável.

REFERÊNCIAS

- Barros, R. N., & Peixoto, A. L. A. (2022). Integração ao ensino superior e saúde mental: um estudo em uma universidade pública federal brasileira. *Avaliação*, 27(3), 609–631. <https://doi.org/10.1590/S141440772022000300012>
- Boff, E. T. O., Forchesatto, A. J., & Ravasio, M. H. (2020). Estudo cognitivo em sujeitos com esquizofrenia de um Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS). *ETD – Educação Temática Digital*, 22(1), 253–274. <https://doi.org/10.20396/etd.v22i1.8652820>
- Cadge, C., Connor, C., & Greenfield, S. (2019). University students' understanding and perceptions of schizophrenia in the UK: A qualitative study. *BMJ Open*, 9, e025813. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2018-025813>
- Carballo, R., & Cotán, A. (2024). Inclusive pedagogy at university: Faculty members' motivations. *Sustainability*, 16(11), 4588. <https://doi.org/10.3390/su16114588>
- Davis, M., et al. (2022). Peer Academic Supports for Success (PASS) for college students with mental illness: Open trial. *Healthcare*, 10(9), 1711. <https://doi.org/10.3390/healthcare10091711>
- Dionízio, D. L., & Viter, E. F. (2025). Saúde mental e docência universitária: percepções e lacunas na formação de professores. *Revista DELOS*, 18(75), 1–11. <https://doi.org/10.55905/rdelosv18.n75-079>
- Gkintoni, E., Skokou, M., & Gourzis, P. (2024). Integrating clinical neuropsychology and psychotic spectrum disorders: A systematic analysis of cognitive dynamics, interventions, and underlying mechanisms. *Medicina (Basel)*, 60(4), 645. <https://doi.org/10.3390/medicina60040645>
- Güths, B. O., & Sausen, T. R. (2024). Esquizofrenia: revisão histórica e características neuropsicológicas do transtorno. *Revista de Neurociências*, 32, 1–21. <https://doi.org/10.34024/rnc.2024.v32.15845>
- Hokai, S. R., & Silva, D. da. (2024). Caminhos para a inclusão: estratégias psicopedagógicas no ensino superior. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(12).3900–3907 <https://doi.org/10.51891/rease.v10i12.17682>

- Konadu, B. O., Aduse-Poku, I., & Zaagbil, P. (2025). Mental health as a determining factor in students' academic performance. *American Journal of Education and Learning*, 10(2), 154–177. <https://doi.org/10.55284/ajel.v10i2.1519>
- Lotfi, N., et al. (2023). Schizophrenia etiological factors and their correlation with the imbalance of the immune system: An update. *Galen Medical Journal*, 12, e3109. <https://doi.org/10.31661/gmj.v12i.3109>
- Pinheiro, W. S., & Valente, E. A. T. (2024). Inclusão de alunos com esquizofrenia no ensino fundamental: Reflexões sobre desafios e potencialidades na educação brasileira. *Revista Aracê*, 6(4), 17489–17511. <https://doi.org/10.56238/arev6n4-376>
- Riba, E. B. (2024). *Defining faculty's role in supporting student mental health needs in higher education*. [Tese de Doutorado], City University of New York.
- Rossetto, E., & Iacono, J. P. (2022). Inclusão e ensino superior: práticas pedagógicas com alunos com deficiência/NEE na perspectiva da psicologia historicocultural. *Educação e Filosofia*, 36(76), 133–174. <https://doi.org/10.34024/rnc.2024.v32.15845>
- Shor, R. (2025). Students with mental illness perceptions of support services received to overcome the challenges of inclusion in universities. *Cogent Education*, 12(1), 2554330. <https://doi.org/10.1080/2331186X.2025.2554330>